MISSÃO INFINITY

LADY SYBYLLA

Missão infinity

Por Lady Sybylla

O que é Missão Infinity?

Há muito tempo atrás, em 2011, num blog de contos distante chamado Scriptonauta, eu escrevi Missão Infinity. Na verdade, eram quatro contos que falavam do começo da colonização de Marte e do fim sua primeira colônia. Assim como fiz com Diga Meu Nome e Eu Viverei (contos de zumbis que você também pode baixar de graça no blog), resgatei estes contos da Missão Infinity, arrumei tudo, revisei e tive a ajuda da Samantha, do Meteorópole como minha leitora beta para achar os problemas do texto e com Manu Najjar para a leitura gama, delta e ômega para finalizar. Existem inspirações óbvias nele, espero ter feito as homenagens corretas.

É um conto pequeno, mas espero que goste!

Capa: Lady Sybylla

Sumário

Marte ....

Ocupação ....

Abandono ....

A Verdade ....

Marte

O guerreiro vermelho. Símbolo da guerra e da destruição. O fascínio e devoção do ser humano para com este deus romano extrapolavam os limites da capacidade científica. Era pura curiosidade que impulsionava o ser humano para este ponto avermelhado do espaço e o obrigava a se melhorar para, enfim, ocupar sua superfície.

Que tipo de surpresas poderiam esperar? Muitos não eram confiantes, afinal, analisavam aquele lugar seco e frio há séculos, sem encontrarem nada significativo que mudasse o rumo da civilização. Sim, havia inúmeros indícios de ter havido água e vida microbiana, mas quando as pesquisas estagnaram, o que restava? Dessa vez a esperança era que a missão Infinity trouxesse algum consolo e esperança para uma Terra mergulhada no caos de conflitos civis e religiosos, declínio da civilização e de um fundamentalismo quase psicótico, que tirava a vida de civis aos milhares. Agências espaciais visavam a ida ao planeta vermelho para uma ocupação definitiva, ao invés de apenas missões de ida e volta para recolhimento de amostras e implantação de sensores de varreduras, rovers e telescópios. Queriam um novo começo, queriam uma janela para o futuro. Queriam um símbolo.

Infinity era um consórcio científico entre a Agência Espacial Europeia, a Agência Nacional Aeroespacial do Brasil e a Nasa, já menos poderosa que em épocas anteriores. Módulos habitacionais, científicos e unidades de força foram construídas em conjunto em parcerias científicas privadas e públicas e uma tripulação de dez indivíduos, cinco civis e cinco militares, fora cuidadosamente escolhida para o projeto. Foram feitas entrevistas com astronautas dos três programas por um longo tempo enquanto definiam os parâmetros da missão. Eles foram sabatinados pelo público a respeito de suas expectativas em programas de auditório na televisão. Toda uma linha de produtos fora produzida para as pessoas ostentarem seu astronauta preferido. A tecnologia tinha avançado o suficiente para que arriscassem a missão de colonização definitiva, mas a situação política do planeta deixava todos temerosos pelos dias que viriam.

A nave da missão, responsável pela propulsão, e que carregava os módulos, os tripulantes e os suprimentos chamava-se Lakshmi, a deusa hindu, personificação da beleza, da fartura, da generosidade e da boa sorte. Ela fora construída

quase que inteiramente no espaço, com missões de ônibus espaciais saindo uma vez por semana da Base de Alcântara, no Brasil, um agitado 'porto espacial'. A gravidade artificial era gerada por núcleos magnéticos rotativos nos eixos de conexão entre os três compartimentos da Lakshmi, mas esse não era o principal avanço. O que agora era um avanço significativo era o gás criogênico, substância um tanto cara, mas que fazia o corpo ser preservado em hiperbáricas para viagens longas. O gás fora baseado nos genes que alguns animais como sapos e ursos usam para hibernarem, apesar de muitos fanáticos dizerem que ele era uma tecnologia alienígena. As câmaras de estase baixavam a temperatura para perto dos 26° Celsius, enquanto gás preservava a pele e as células para não danificarem com a ação do frio. Isso economizava milhões em suprimentos, água e oxigênio e reservava recursos para investimentos em motores, casco e navegação.

A Lakshmi saiu de órbita com seus dez passageiros em estase em uma manhã seca e ensolarada no comando de Brasília e acionou seus motores em direção ao planeta. Cinco meses de viagem, um a menos do que o normal, ainda era um tempo razoavelmente longo para a equipe. Dessa maneira, a nave economizava energia para eventuais incidentes. A imprensa mundial se reunia em frente ao comando de Brasília, dividindo espaço com os fundamentalistas contra a missão. O silêncio no interior da Lakshmi era o oposto ao som de tiros e explosões que ocorriam em atentados na Europa e na Ásia, sacudidas por conflitos civis. Toda uma tensão política vinha crescendo e a partida da missão não aliviou os ânimos. Aliás, mal foi televisionada quando atentados de puristas contra ciência e tecnologia espacial e fundamentalistas religiosos derrubou prédios em Dubai.

5 meses depois

O término da hibernação fez o computador central acionar as câmaras, acender as luzes, ligar os aquecedores, descongelar os tanques de água, analisar as matrizes energéticas dos robôs. Dez tripulantes entre cientistas renomados e oficiais das forças armadas estavam ainda adormecidos, voltando lentamente ao normal, conforme o gás criogênico era retirado e o metabolismo se acelerava com o aumento da temperatura.

Quem acordou primeiro foi o médico-chefe, especialista em medicina orbital, doutor Raul Fillipo, italiano e médico do programa espacial da Europa. Raul sentiu um frio intenso, um arrepio percorrer todo o corpo, que parecia estar duro feito uma tábua. Com as mãos trêmulas, ele retirou as fitas adesivas que mantinham seus olhos fechados para evitar ressecamento das mucosas e cuspiu o mordedor de borracha que prevenia rachaduras nos dentes. Engasgado com o

gás criogênico, tossiu ruidosamente uns instantes até toda a memória da hibernação vir à sua mente com uma forte dor de cabeça. Teve sonhos estranhos durante a viagem. Era falta de água, na verdade, dizia sua cabeça de médico. Raul conseguiu sair da câmara, sentindo a gravidade pouco mais leve que na Terra, para acostumá-los à gravidade de Marte. A primeira providência do doutor Filipo foi de analisar os corpos dos outros nove tripulantes. Estavam bem de saúde e a temperatura interna das câmaras estava aumentando gradativamente, sinal que o processo de reanimação estava em andamento.

O silêncio foi cortado com risadas e piadas irônicas quando todos já estavam de pé, terminando de se vestir. Os militares eram todos pilotos experientes da Força Aérea brasileira e norte-americana: Marcos Andrada, Rúbia Oliveira, Louis Partenza e Rosa Millano, que se entendiam bem e conheciam as piadas de quartel por serem os únicos milicos da Infinity. O doutor Fillipo era auxiliado por uma médica civil com experiência em cirurgias de emergência, Kala Apostolakis. Uma bióloga, Evelyn Tomita, com experiência em botânica seria a responsável pelo cultivo de plantas e alimentos na nova colônia e um exobiólogo seria responsável por catalogar bactérias, fungos e algas que tinham sido enviadas numa missão anterior, o doutor Miles Von Duke. A geologia ficava com o especialista em hidrologia Carlos Dourado e a meteorologia com a especialista em furacões da Nasa, Vanessa McCoy.

_ Atenção, senhoras e senhores passageiros, aqui é o coronel Andrada falando, seu piloto de cruzeiro marciano, por favor, não reclinem suas poltronas e fechem os compartimentos de bagagem, pois a missão Infinity está para entrar na fase orbital – o piloto ironizou para aliviar as tensões de todos enquanto os pilotos se ajeitavam na cabine – Se sentirem enjoos durante esta fase, façam o favor de não vomitar, pois teremos com deficiências gravitacionais até a completa parada desta caçamba e eu acabei de tomar banho.

_ Sim, senhor, coronel – resmungou Duke, com um nojo antecipado do cenário sujo pelo estomago fraco de alguém.

_ Compensando gravidade, estágio um começando, aproximação inicial em três, dois, um. - Rosa estava de olho em sua tela.

Os quatro pilotos se concentraram nos procedimentos de posicionamento orbital para garantir o ponto correto de aterrissagem do módulo Infinity. A nave Lakshmi permaneceria em órbita como um salva-vidas em caso de emergência e como antena de retransmissão para comunicação com a Terra. A parte mais crítica da missão começava agora. Ninguém admitia que os riscos de falha na

entrada na atmosfera eram relevantes o suficiente para sentirem uma tensão incômoda.

Ocupação

O nome escolhido para a base marciana era Aldrin, em homenagem ao primeiro astronauta a pisar na Lua, Ewin 'Buzz' Aldrin, em 1969, na missão Apollo 11. O módulo Infinity carregava todos os componentes e partes para a construção da base Aldrin, que aconteceria em Terra Meridiani, na região do equador de Marte, bem próximo ao local de pouso de uma antiga missão chamada Opportunity, cujo rover permanecia no local, enterrado na areia vermelha e sem funcionar.

O local era apropriado, pois o telescópio fixo baseado no lado escuro da Lua, na cratera Korolev, tinha indicado a presença de uma rede de canais escavados por água e lava ancestral que acabou criando cavernas grandes o suficiente para a instalação de módulos de ocupação. Era uma medida de proteção contra radiação, raios cósmicos e a temperatura excessivamente baixa de Marte. Uma frota de robôs de escavação tinha sido enviada dois anos antes para pode abrir caminho pelos canais e adaptar o local aos novos ocupantes. Estes mesmos robôs serviam agora como uma mini-estação de retransmissão, um rádio farol que guiava os sensores da Lakshmi desde que ela saiu da órbita terrestre.

Os pilotos guiavam o módulo Infinity num posicionamento orbital arriscado para estabelecer uma posição segura para a entrada na atmosfera. Além de pilotos, cada um ali tinha uma formação específica crucial para o bom desempenho da missão. Partenza era engenheiro aeroespacial, tendo ele próprio desenvolvido o módulo Lakshmi. Oliveira era também engenheira aeroespacial, mas sua especialidade era módulos de sobrevivência e terraformação. Andrada era oficial das Forças Especiais, com formação superior em Logística, então seria responsável pelos inventários, racionamento, consumo e desperdício de energia. Millano era psicóloga, especialista em eventos traumáticos e suas consequências, talvez a oficial mais importante da nave.

O módulo Infinity era um grande cargueiro alimentado por motores a íons, com um comprimento de três vezes e meia a de um campo de futebol. Sem a gravidade da Lakshmi, sua começou a tremular violentamente, pois assim que a entrada na atmosfera sanguínea do planeta começou, uma agitação se seguiu em todas as partes da nave. O metal parecia gemer e gritar com o esforço ao qual era submetido. Todos os civis na parte de trás da Infinity se surpreenderam com a violenta sacudida, por mais que tivessem treinado para aquela missão, o real sempre era

muito assustador. A mudança brusca de microgravidade para alguma gravidade fez Fillipo e Tomita perderem os sentidos por alguns instantes em suas poltronas, enquanto se agarravam aos cintos de segurança.

_ Perdemos revestimento a bombordo – Millano estava de olho na tela de integridade estrutural, sua voz saía trêmula enquanto tudo se sacudia.

_ Temperatura do casco? – Partenza segurava firme os controles que não paravam de se mexer.

_ Subindo. Mas dentro dos padrões.

"Aviso. Mudança de gravidade, acionando dispositivos de compensação."

O computador da nave avisava que as botas magnéticas estavam sendo ativadas, para que eles pudessem se deslocar livremente pelo módulo. Ela também compensaria a gravidade menor de Marte para prevenir perdas ósseas e musculares nos tripulantes.

_ Perdemos mais revestimento. Seção da asa a estibordo – Millano estava atenta à marca vermelha no casco a bombordo que estava aumentando.

_ Vamos, vamos… – Partenza sacudia junto com o restante da estrutura.

_ O ângulo é muito agudo – Andrada olhava preocupado para a escotilha em chamas à sua frente.

_ Eu sei.

_ Diminui esse ângulo!

_ Eu sei! – Partenza ralhou.

Como por mágica, as nuvens em chamas e todo o chacoalhar se desfizeram. Pairavam na linha do equador do planeta vermelho em meio a uma calmaria sombria. Até a velocidade do vento era baixa, em torno de 1 na escala de Beaufort, cerca de 2 nós.

_ Estamos seguros – Partenza avisou ao restante da tripulação com um suspiro de alívio – Podem se soltar das cadeiras.

Houve um silêncio solene da parte de todos quando viram o planeta em sua plenitude metros abaixo. Seus espaços amplos e desolados tinham uma beleza triste. Aquela imensidão de mar vermelho e seco lhes deu, pela primeira vez em

toda a missão, a certeza de que estavam muito longe de casa e em um ambiente nunca antes pisado por um ser humano. Admiravam aquele lugar com uma reverência e respeito que, normalmente, temos para com os grandes eventos da natureza e suas formações. Estar em Marte era algo tão notável quanto o uso do fogo pelos seres humanos. Vanessa usava sua pequena filmadora de mão para gravar o que via por uma escotilha onde estavam todos os civis, amontoados, para observarem o ambiente. Pareciam crianças com um brinquedo novo.

Os pilotos na cabine apenas se entreolharam orgulhosos pelo feito. Será que na Terra alguém estava assistindo a tudo aquilo?, Rosa pensou com tristeza. Partenza continuava descendo, vendo a aproximação do local de pouso do módulo alguns quilômetros à frente, mas também sentia um arrepio de assombro. Eles seriam os primeiros humanos a montar uma ocupação permanente num planeta que não era a Terra. O que a história diria deles?

O sinal do robô estacionado próximo à rede de canais e cavernas era mais forte e aumentava na tela. Partenza e Andrada observavam as imagens holográficas geradas pelas câmeras laterais da nave, triangulando o local de pouso e do assentamento. Quando o sinal do rádio-farol se tornou um ponto vermelho e quando o ponto se tornou uma grade de pouso nas telas, eles sabiam que tinham chegado. Andrada conseguiu desacelerar, pedindo que todos se sentassem para o pouso e Partenza posicionou o módulo com o trem de pouso já baixado e tocou o solo pedregoso do guerreiro vermelho com quase nenhuma trepidação. Foi uma decida suave, já que todos esperavam trancos e barrancos, mas o computador central conseguiu não só compensar a gravidade de Marte como auxiliou muito o trabalho dos pilotos. O silêncio voltou à cabine, onde os quatro absorviam o momento. Partenza sentia o coração martelar no peito, Millano secou o suor da testa com a manga de seu uniforme.

_ Estamos no chão – Partenza falou para a equipe de cientistas no compartimento de transporte.

_ Bom pouso – Rosa Millano apertou seu ombro.

_ Obrigado.

_ Comando de Brasília, aqui é a Missão Infinity, pousamos na superfície, sem grandes avarias e dentro da grade do rádio-farol. - Andrada disse com orgulho, enquanto enviava dados das avaliações automáticas dos sistemas - Começando a fase de implantação. Infinity desliga.

Olhando pelas escotilhas, o vermelho sangue se espalhava em todas as direções. Era uma visão assustadora pensar que no planeta inteiro, de uma civilização

com 11 bilhões de pessoas, apenas dez indivíduos estavam num planeta pouco menor que a Terra. Sem ajuda, sem socorro, sem vizinhos, dependendo uns dos outros.

Quando os pilotos deixaram a cabine, os trabalhos já tinham começado na parte de trás. Cada um dos cientistas tinha responsabilidade com um módulo e começaram a corrê-los pelos trilhos no piso para posicionarem junto da comporta principal. Eram seis no total: dormitório e lazer, onde os quartos eram pequenas baias com cortinas e o lazer se restringia a uma tela holográfica imensa com coleções de filmes e músicas de todos os gêneros; módulo conjugado academia e vestiário, pois precisavam manter o corpo em forma para o serviço de dois anos até o próximo revezamento de tripulantes; um módulo de comando, que era ligado por último, quando tudo estivesse conectado, servindo como central de operações; um módulo científico onde era produzido o oxigênio e a comida da base, com laboratórios de vários segmentos em pequenos espaços, além de uma enfermaria bem equipada e um módulo de emergência postado em trilhos dentro de uma das cavernas para o caso de algo dar errado e eles perderem o módulo Infinity, que permaneceria pousado na planície de Terra Meridiani.

A tripulação civil olhava para os militares com certa desconfiança, mesmo depois dos meses de treinamento e convivência. Era natural, pois na Terra, tropas da ONU ocuparam muitas capitais, com medo das revoltas e dos conflitos civis que vinham acontecendo com bastante frequência. Temiam que eles tivessem ordens ocultas com algum fim beligerante, o que acabaria com o propósito pacífico da missão.

As horas seguintes foram passadas dentro de roupas especiais feitas para a missão. Ao contrário das antigas roupas de astronautas da NASA, o novo macacão era completamente ajustável ao corpo, sem aberturas, com microcanais de refrigeração e aquecimento pelo tecido ultraresistente, reforçado com nanotecnologia. Um capacete com telas holográficas internas e sensores mostrava distância, velocidade do vento, risco de despressurização, qualquer informação relevante sobre o ambiente tanto externo quando interno. Enquanto a equipe científica descarregava os módulos, os pilotos faziam uma varredura na integridade estrutural da nave, que perdera algum revestimento, mas não tinha avarias, das cavernas e descarregavam as informações do robô, uma estrutura resistente e magricela de titânio, que possuía todos os arquivos da Infinity e era até capacitada para procedimentos médicos de emergência, como um desfibrilador ambulante. Este robô, apelidado de Elvis, devido à uma protuberância no crânio robótico, que era um projetor holográfico, fazia o serviço delicado de interligar os módulos, soldando e encaixando as passagens dentro do ambiente gelado das galerias das cavernas marcianas. Em um tempo recorde de nove horas, a base Aldrin

teve suas luzes acessas por Rosa Millano, de dentro do módulo de comando. O trabalho de escavação gerou um espaço surpreendente no interior da caverna e os módulos couberam com folga. A blindagem do casco, com a cobertura das rochas marcianas, protegeria a tripulação de intempéries e de raios cósmicos.

_ Senhoras e senhores, o show vai começar… – ela sorriu ao ver telas acendendo, sensores funcionando.

Ao pressurizarem os módulos, as luzes externas ligaram e iluminaram o ambiente outrora obscuro. Elvis e sua pequena frota de escavadores robóticos trabalhou muito bem, pois as paredes quase não tinham sulcos resultantes da escavação.

No vestiário, Rosa Millano encontrou os colegas, cansados mas felizes, que tinham retirado as roupas justas do trabalho extremo realizado e deixado num compartimento isolado para desinfecção e limpeza. Apesar de terem treinado por três anos para a Infinity, Millano podia dizer que não conhecia todos eles. Apenas Partenza, pois serviam juntos havia muito tempo. Mas uma coisa ela sabia: aquela missão tinha tudo para dar errado se as coisas na Terra não se acertassem.

Abandono

Domingo marciano. Dia de folga da tripulação da missão Infinity, recomendação da psicóloga da equipe, coronel Millano, que dormia profundamente em sua baia com a penumbra avermelhada do planeta que entrava pelas escotilhas. Lá fora, na atmosfera gélida, Partenza e Andrada jogavam golfe, aproveitando a baixa gravidade para dar tacadas que na Terra seriam impossíveis. Eles gastaram um tempo de seu ócio dos domingos de repouso para limpar o terreno, remover pedregulhos e cavar os buracos, mas enfim tinham um campo de areia vermelha bem propício para o jogo. Não tinham a sensação do vento no rosto e o aroma da grama cortada, mas as tacadas de longa distância compensavam essa ausência. A disputa estava acirrada.

Mesmo sendo dia de folga obrigatório, alguém sempre acabava trabalhando. Era o caso de Rúbia Oliveira, que lia um e-book (Crônicas Marcianas, de Ray Bradbury) no módulo de comando, volta e meia observando as telas de monitoramento, de funções básicas, as câmeras de segurança, mensagens chegando, updates automáticos. Mas estava tudo muito calmo naquela manhã vermelha. Nada fora do normal, tudo funcionando como devia. Vinha sendo assim em todas aquelas semanas e meses de trabalho duro e pesquisas.

Fillipo revisava os relatórios médicos no módulo da Enfermaria. Já estavam em Marte havia um ano e faltava mais um para a equipe do revezamento chegar. Nunca teve tão pouco trabalho como naquela missão. Tirando escoriações e uma irritação de pele em Andrada, ele não tivera grandes emergências, apesar de ter um ótimo hospital de campanha com direito a UTI à sua disposição. Apostolakis tinha revisado suas fichas e feito seu diário de bordo, até que enfim resolveu comer alguma coisa. A bióloga, Tomita, estava em sua estufa, como de costume, tratando as plantas com quem adorava conversar. Aliás, conversava mais com elas do que com os outros tripulantes, devido a sua timidez. Achava que eram todos muito barulhentos às vezes e preferia a companhia de suas mudas e pés hidropônicos.

Miles Von Duke estava do lado de fora das cavernas em suas caminhadas diárias com a desconfortável roupa pressurizada. Ele tinha encontrado colônias de fungos e bactérias que, acreditava, eram originalmente marcianas e queria juntar to-

das as provas possíveis para não mais refutarem as evidências de vida no subsolo marciano. Sentia mais um artigo vindo, quem sabe na Journal of Exobiology? Estava meio que obcecado por isso e, portanto abria mão de seus dias de folga para continuar trabalhando. Carlos Dourado e Vanessa McCoy conversavam no vestiário após terminarem os exercícios obrigatórios no módulo da academia. Pensavam em algo para fazer e achavam que a coleção de filmes e séries de TV da missão poderia ter algo de bom para ver. Recebiam updates automáticos toda semana com novos episódios de séries favoritas, jornais e mensagens pessoais.

Partenza olhou para o horizonte vermelho e vazio. Olhou para a bola novamente, apertou o cabo do taco com ansiedade, puxou fundo o ar esterilizado da roupa pressurizada e avaliou novamente o horizonte. Era sempre preciso lembrar que a velocidade do vento, a gravidade, tudo isso influenciava a trajetória da bola e ele não estava na Terra. Sentiu mais uma vez a aspereza do cabo, moveu os braços para trás, entortando levemente o tronco, e a bola saiu voando, cortando o ar frio, desaparecendo das vistas dos dois oficiais.

_ É… bela tacada – Andrada tinha que admitir.

_ Estou ficando cada dia melhor – Partenza se gabou.

_ Agradeça ao planeta, pois na Terra você nunca arremessaria tão bem.

_ Você quer mesmo apanhar com taco de golfe, né? Estamos em Marte, aqui não tem direitos humanos.

_ Vai se catar, Partenza.

Os dois riam tranquilos enquanto trocavam de lugar para a próxima tacada e discutiam sobre os melhores tacos, os melhores golfistas, os melhores campos de treino. Eram momentos como esse em que podiam ao menos tolerar a vida em Marte, pois fora isso, era uma monotonia frustrante por saber que estavam longe de qualquer coisa conhecida, longe de ajuda, longe do céu azul. Millano havia reparado sinais de estresse na equipe quando as discussões começaram a esquentar dois meses atrás. Coisas bobas, como meias trocadas na lavadora, ou um iogurte comido fora de hora causavam um estresse muito maior do que se fosse na Terra. A resolução de conflitos aconteciam uma vez por semana depois disso, por ordem de Rosa Millano.

Preparo nenhum pode proteger uma equipe em missão tão importante. Na primeira semana que completaram em Marte, uma transmissão ao vivo foi feita para todo o planeta. Bilhões assistiram à apresentação da base, seus cômodos pequenos, feitos para serem funcionais e úteis, viram a atmosfera rubra e passe-

aram em tempo real através das câmeras de seus capacetes.

Foram semanas eufóricas seguidas de otimismo, que logo se transformaram em ócio cuidadoso com a instalação, chegando ao momento em que estavam, cada um buscando uma maneira de se distrair. Distantes uns dos outros, tratando-se às vezes como estranhos, cada um guardando seus pensamentos para si e chorando em sua baia na madrugada, com saudades das famílias. A solidão estava a ponto de enlouquecer qualquer um.

_ “Recebendo transmissão.”

Rúbia Oliveira ergueu o olhar com uma ruga de interrogação na testa, colocando o pad com seu ebook no balcão. A tela holográfica mostrava Comando Aéreo Europeu. Aquilo era muito estranho. Transmissões do Comando Aéreo eram apenas para ordens confidenciais e até então tinha sido usada duas vezes, informando a situação política de países europeus e a repercussão da missão entre os círculos de poder. Por sempre usar um canal criptografado, era uma linha segura, que vinha pela Lakshmi em órbita. A tela holográfica permanecia diante de Rúbia Oliveira que pediu que o arquivo fosse aberto. Era apenas texto.

“Esta é uma transmissão de emergência do Comando Aéreo Europeu. Todas as bases em condição 1. Enviando pacote de transmissão com códigos de alerta. Não responda nesta frequência.”

Oliveira leu aquilo mais duas vezes tentando entender o que queria dizer. Mal teve tempo para pensar, e outra transmissão chegou. Desta vez da ONU, também em texto.

“Sistema automático de emergência ativado. Passando de condição 3 para condição 1 imediatamente. Não responda nesta frequência, ative sensores de longo alcance para avaliação de segurança.”

Temendo que algo muito errado tivesse acontecido na Terra e torcendo para ser apenas uma falha do sistema de transmissão ou um hacker fazendo brincadeiras, Oliveira se apressou em ligar o canal prioritário da base com o comando da missão. Três lugares podiam responder: Houston, Brasília ou Londres, os três recebendo a transmissão pela base lunar através de um canal subespecial que era usado em casos de emergência. Oliveira tentou Houston e só recebeu estática. Em Brasília, um técnico atendeu.

_ Comando de Brasília, aqui é base marciana Aldrin, está ouvindo?

_ Alto e claro, Aldrin. Prossiga.

_ Recebi duas transmissões de emergência somente texto, confirma Brasília?

Silêncio no fone, Oliveira estava apreensiva, respirando rapidamente. Um frio tomou seu estômago, tinha algo de muito errado acontecendo na Terra.

_ Confirmado, Aldrin. Também recebemos.

_ O que está acontecendo aí? - deixou o protocolo de lado.

E mais uma vez silêncio, desta vez era quase possível sentir a hesitação do técnico do outro lado, milhões de quilômetros longe.

_ Ataques terroristas virtuais destruíram satélites do comando aéreo europeu, da Nasa e da OTAN. A intenção é causar um blecaute nas telecomunicações. Fundamentalistas detonaram bombas termonucleares sobre Londres, Paris, Jerusalém, Nova York, Sidney e Pequim há três horas. O que você recebeu foi o sinal de emergência para aeronaves.

Ainda digerindo as palavras, Rúbia Oliveira se recostou na cadeira e tentou pensar com calma no que estava acontecendo. Sabiam que a situação na Terra não era boa para diversos governos, afundados em crise econômica e religiosa quando saíram de lá. Grupos terroristas ameaçavam e cumpriam as ameaças com grande facilidade, realizando ataques virtuais e com bombas em alvos cada vez mais audaciosos. Mas em um pensamento até egoísta e presunçoso, Oliveira jamais pensou que poderia ver uma guerra mundial. A humanidade nunca aprendia com seus erros do passado? E o revezamento?, ela pensou.

_ Instruções, Brasília?

Estática intensa o fez retirar os fones do ouvido. E uma tela se abriu à sua frente.

“Transmissão terminada.”

_ Brasília? Aqui é Aldrin, responda.

Ela trocou as bandas de transmissão, mas nenhuma respondia. A única conexão que Rúbia recebeu foi o sinal automático do rádio farol da base lunar e o sinal constante da Lakshmi em órbita. Não havia sinais vindos da Terra, apenas estática.

A Verdade

A junta de avaliação de exploração estava reunida no edifício sede no Rio de Janeiro havia mais de seis horas. A representante do consórcio europeu batia a caneta com impaciência sobre seu caderno de anotações, balançado a perna por pura irritação, enquanto o debate se estendia. O mundo voltava de um mergulho nas trevas e ainda assim ninguém sabia esperar sua vez de falar.

A discussão em pauta era a viabilidade de um resgate das operações na base Aldrin em Marte, em silêncio desde o início da Guerra dos Mil Dias, a guerra que mudou o perfil do mundo e moldou os novos estados e consórcios poderosos de nações que comandavam o globo. A guerra que durou Mil Dias começara há vinte anos e acabou com uma visão otimista que tinha imperado por décadas.

A bancada estava dividida. Aqueles que apoiavam o resgate diziam que era uma dívida que eles tinham com aqueles que ficaram para trás. Os tripulantes da estação espacial em órbita tinham morrido algum tempo depois do início das hostilidades, quando um míssil foi disparado da superfície. A nave que levava a primeira tripulação para fora do sistema solar também não chegou ao seu destino, que era Próxima Centauro.

Mas a base Aldrin em Marte, estabelecida pela Missão Infinity, era um mistério. Todos os feeds da base foram interrompidos com o blecaute de telecomunicações nos primeiros estágios dos ataques Após o armistício e o fim dos conflitos, quando as comunicações e antenas foram restabelecidas, nada vinha de Marte, exceto estática. Imagens do Hubble 3 na órbita da Lua mostravam o local, Terra Meridiani coberto por uma tempestade de areia, muito comum no inverno marciano e destroços do módulo Infinity em todos os lugares. Mas não podiam enxergar nas cavernas, onde estava a base e a tripulação.

Os discursos continuavam. Os que apoiavam tinham também seus desejos obscuros. O consórcio que conseguisse levar uma tripulação em definitivo para lá ganhava direitos de exploração mineral e do solo por cinquenta anos, então era também uma questão de negócios. Os dados da Missão Infinity indicavam minerais que poderiam ser explorados e poderiam custear a reocupação marciana. A representante do consórcio europeu bufou irritada, vendo as horas em seu relógio de pulso quando percebeu que era observada por um homem do outro

lado da grande mesa de reunião. Ele era do consórcio latino, pois havia um pin da bandeira do Brasil na lapela de seu blazer.

O delegado responsável pela sessão achou por bem que fizessem uma pausa de uma hora para refrescar os ânimos e comer alguma coisa, visto que não chegavam a uma decisão. Ao invés de ir até o buffet instalado numa sala ao lado, ela preferiu ir até a praia de Copacabana, não muito longe dali. Após sair de um inverno europeu com temperatura de -19°C, o que menos queria era o calabouço de ar condicionado do prédio espelhado. Sentada em um quiosque bem arejado que a protegia do sol, ela olhava o mar enquanto aguardava sua porção de peixe frito, e não percebeu a aproximação de um homem.

_ Doutora Gemma Rebello?

A mulher procurou o dono da voz e viu o mesmo homem que a observava na sala de conferências. Era alto, de boa aparência, com alguns fios grisalhos nas têmporas e estava sem a gravata e o terno que usava na reunião.

Gemma era de Nápoles, na Itália, mas morava na França, onde ficava a sede do consórcio de cooperação espacial. Era antropóloga, estudava o comportamento dos seres humanos no espaço e estava empenhada em descobrir o que tinha acontecido aos tripulantes em Marte.

_ O que quer? - disse com certa rudeza.

_ Sou Luiz Mantelli, Agência Aeroespacial Brasileira. Você saiu com tanta pressa da sala que não pudemos conversar, então vim até aqui. Espero que não se importe.

_ Certo… me encontrou – ela não entendia o que Luiz queria e sim, sua presença a incomodava – Pode falar.

_ O que acha que aconteceu em Marte?

_ Como disse? – ela ficou desconcertada pela pergunta direta.

_ Você foi a única que não se pronunciou sobre o que pode ter acontecido com a base Aldrin, enquanto todos os outros têm suas próprias conclusões.

_ Me perdoe, mas o que você faz na Agência?

_ Sou engenheiro de propulsão. Mas também chefio o setor de construção de módulos. Conheço bem os projetos, pois eu estava lá quando os módulos foram construídos, mal tinha terminado meu doutorado. Eu era estagiário na época e

conheci os tripulantes. Sei que você estudou o perfil de cada um, então, pergunto de novo, o que acha que aconteceu com eles?

_ Ou morreram pela falta de suprimentos ou encontraram uma maneira de sobreviver nos módulos por vinte anos.

_ Se eles morreram, então não têm como se comunicar conosco.

_ Está falando da estática no rádio? – Gemma entendeu aonde ele queria chegar.

_ Exato – Luiz sorriu.

A porção de peixe frito veio acompanhada de mais um copo de água de coco gelada. O mar parecia convidativo e a areia reluzia diante de Gemma e Luiz. Por isso ela resolveu seguir com cuidado.

_ A estática no rádio significa que o transmissor foi destruído ou desabilitado.

_ Então a base foi destruída? É o que acha? - ela perguntou.

_ Acho que não – ele parecia certo disso.

Enquanto ele tirava um fino celular dos mais modernos do bolso, Gemma perguntou:

_ Por que está falando comigo?

_ Como assim? – Luiz procurava um arquivo deslizando rapidamente os dedos pela tela.

_ Não sei – seu tom assumiu um ar de ironia ameaçadora – Vai ver porque seu consórcio tem o desejo de chegar a Marte primeiro que todo mundo para manter os direitos de exploração por cinquenta anos.

_ Caso não saiba, metade das empresas que atuam no consórcio são estrangeiras. Acredite, não ficaria muito para nós de qualquer maneira. Ouça isso.

Ele aproximou o aparelho de seu ouvido e ela então ouviu muita estática e o que pareciam palavras ao fundo. Muita gritaria e desespero, tiros, choro e enfim, silêncio. Ele tocou mais uma vez e viu o olhar dela fica confuso mais uma vez.

_ O que é isso? – Gemma o encarou.

_ A última transmissão vinda de Aldrin. Recebida pelo comando de Brasília, quase há vinte anos, retransmitida pela Lakshmi. Ficou perdida dentro dos ser-

vidores e não foi ouvida, pois logo em seguida tivemos o grande blecaute.

_ E daí?

_ E daí que a impressão que dá é que o rádio foi destruído.

_ De propósito?

_ É isso que minha agência quer verificar.

_ E o que eu tenho a ver com isso? – ela sorriu de lado.

_ Por favor, não ofenda minha inteligência. Você é quem vai elaborar o relatório final e está escalada para a missão. O que quero é que se prepare para o que pode ver por lá.

_ Para o caso de que?

_ Para o caso de ter gente viva por lá.

Gemma esperou um riso sarcástico vindo do brasileiro, mas ele permaneceu em silêncio, encarando seus olhos. Nem ela acreditava que a base de Aldrin estivesse inteira depois de vinte anos sem receber suprimentos ou pessoal de revezamento, quanto mais sobreviventes. Estudou o perfil dos tripulantes o suficiente para saber que haveria sérios conflitos de personalidade entre cada, em especial os militares.

Luiz se levantou, colocou os óculos escuros e se afastou do quiosque sem dizer mais nada, voltando para o prédio para a segunda rodada da reunião. A agência brasileira suspeitava que existia gente viva em Marte. Se era mesmo verdade, aquilo seria uma grande revelação, a ponto de mudar o rumo do mundo.

A missão, chamada Amaterasu devido ao módulo de pouso em Marte, partiu cerca de um ano depois da exaustiva reunião no Rio de Janeiro, do estaleiro equatorial. A viagem em si duraria quase seis meses em hibernação, algo que Gemma não gostava nem de pensar. Mas também não gostava de pensar que teria que passar um ano à toa numa nave, portanto aceitava as câmaras hiperbáricas com resignação.

Tentativas de contato com Aldrin foram feitas e somente recebiam estática. O técnico em comunicações estava intrigado, pois a impressão que dava era o que rádio tinha quebrado enquanto ainda funcionava, possivelmente de maneira proposital. Registros da agência brasileira e de uma subestação na Austrália

indicavam que a nave Lakshmi continuava em órbita, mesmo depois de vinte anos, mas tinha sofrido avarias de microasteróides e perdido atmosfera depois de falhas em comportas e escotilhas. Seu sinal intermitente estava se esgotando, apesar do reator ainda funcionar, mas estava inabitável. Dependendo da órbita, seria possível se acoplar com Lakshimi, mas isso ainda era um mistério.

Luiz, o tal engenheiro de propulsão, esqueceu de avisar que era também piloto da Força Área Brasileira e era o piloto do módulo de resgate. Fora ele, existiam psicólogos e terraformadores, empenhados em manter a base Aldrin. Apostavam que ela seria um farol de avanço em mundo recém-saído de uma guerra que tinha conseguido se reerguer com muito custo.

Em órbita de Marte

Já em órbita, realizando os procedimentos orbitais, Gemma sentia que tinha comido um pedaço de isopor e que poderia vomitar a qualquer momento. A descida chacoalhava demais, mas tinham pressa, pois a mudança na órbita os deixaria longe do rádio-farol de Aldrin e eles não queriam desperdiçar combustível. O rádio-farol só era captado quando em órbita para poder guiar naves e módulos e a boa notícia era que ainda estava funcionando. Lakshmi, infelizmente, não tinha condições de acoplamento. Em algum momento do futuro, ela entraria em rota de colisão com Fobos.

Diante da escotilha frontal, Luiz e sua co-piloto, observavam uma tela holográfica que mostrava distância do alvo, velocidade do vento, condições atmosféricas. Havia uma calmaria no ar de Marte que era quase mórbida. Era um planeta pequeno, mas com grandes tempestades e, naquele momento, ventos de dois nós não eram muita coisa.

Mesmo à distância era possível distinguir o módulo de pouso da missão Infinity, ou o que restou dele, com casco destruído e toda a parte inferior da fuselagem enterrada na areia. Um pouco adiante, destroços dos robôs escavadores pontilhavam a superfície avermelhada. Luiz sobrevoou ainda mais uma vez para ver a entrada das cavernas. Escuridão. E o que pareciam covas do lado de fora, com montes de pedras vermelhas em cima. Se houve enterro então alguém ficara para trás e os tinha sepultado. Essa é uma das características mais básicas da raça humana, a de homenagear seus mortos.

O módulo Amaterasu encontrou uma área plana e longe dos destroços para poder pousar, cerca de seiscentos metros da entrada das cavernas. Estavam todos vestidos com macacões especiais, ajustados ao corpo, carregando lanternas e

equipamentos médicos. Luiz deu as últimas instruções enquanto se reuniam na comporta de saída, mas Gemma não pode deixar de notar nas armas que dois tripulantes carregavam no cinto.

_ Não vamos esquecer nosso propósito. Verificar segurança das instalações, existência de sobreviventes e o restabelecimento da base Aldrin.

_ E se houver sobreviventes, o que vamos fazer com eles?

A pergunta de Gemma era muito boa e silenciou a equipe reunida diante da comporta, mas Luiz não tinha uma resposta para isso além do protocolo para o caso de haver sobreviventes.

_ Vamos seguir o protocolo - ele reiterou, sabendo não ser suficiente para o que quer que pudessem encontrar.

Os nove tripulantes saíram do módulo Amaterasu e tiveram pouco tempo para observar o ambiente hostil onde se encontravam. Ainda assim olharam assombrados para a fantasmagórica paisagem ao redor. Aquilo era um outro planeta, pensou Gemma, que tentou apreender a paisagem por um instante enquanto andava. Era bonito, apesar de tudo. Violentamente bonito e misterioso.

Conforme caminhavam conseguiam ver mais destroços enterrados, inclusive um rumvee especial de transporte atolado na areia e com as escotilhas quebradas. Era um veículo baseado nos rumvees militares na Terra, mas com cockpit pressurizado e dispositivos de saída com macacões acoplados para missões externas. Não corria muito, cerca de 30 quilômetros por hora, mas nas condições de superfície de Marte o que importava era o torque. Fazia parte do manifesto da Missão Infinity. Continuaram andando, cada um gravando seu próprio diário da missão em um gravador acoplado ao capacete. Logo viram o rádio-farol semienterrado na areia. Apesar de o robô de escavação não mais funcionar, o sinal ainda era enviado, pois havia energia reserva para os sistemas de transmissão. Mas havia marcas de disparos na carcaça, talvez por isso o robô tenha parado de funcionar.

Já na entrada das cavernas obscuras, mais destroços e covas. Doze no total. Os sensores indicavam a presença de esqueletos e os transmissores subcutâneos indicavam que era a tripulação da Acácia, a nave do revezamento que estava a caminho de Marte no momento dos primeiros atentados e do blecaute das comunicações. Todos se entreolharam surpresos, pois dados do comando de Brasília indicavam que o revezamento nunca tinha chegado. Provavelmente, eles mantiveram a missão, apesar de não receberem mais informações da Terra.

Disparos por armas de fogo na cabeça e no peito tinham matado a maioria daquelas pessoas, pois era possível ver os projéteis ainda lá dentro. Colônias de bactérias tinham crescido ao redor dos esqueletos, alimentando-se dos líquidos da decomposição e deformaram os ossos. Mas ainda era possível reconhecer ossadas humanas. Se alguém tinha dúvida da versatilidade da vida, as colônias de bactérias mostravam novamente sua capacidade de adaptação em um ambiente tão hostil.

Olhando para o fundo da caverna viam apenas escuridão. Nada visível. Os nove tripulantes da Amaterasu acenderam as lanternas na lateral dos capacetes e prosseguiram com cautela. Luiz se desequilibrou ao não ver onde pisava e precisou se apoiar em Gemma para não cair. Perdeu o fôlego ao ver que tinha tropeçado num crânio humano. O esqueleto ainda vestia o macacão pressurizado, sem o capacete e sua bandeira era brasileira. Embaixo dela estava escrito Andrada.

Os módulos da base estavam puídos, com sinais de disparos, com poeira entrando nos filtros e os alicerces já fora de visão. A pequena escada que levava à comporta também tinha poeira, indicando que ninguém passava por ali ultimamente. Luiz segurou a alavanca circular da porta e a girou completamente, 360° e a empurrou para dentro. Precisou fazer força no movimento pois ela parecia emperrar no percurso.

_ Ainda há energia em alguns módulos – disse Karl Horr, físico e engenheiro – Consigo captar o reator.

_ Então pode ter gente viva… - Gemma suspirou.

_ Base Aldrin, aqui é Luiz Mantelli da missão de resgate Amaterasu, responda.

Só estática. Luiz empurrou a porta pesada e encontrou a comporta interna no escuro. Sem sinais de uso também. O scanner preso em seu braço esquerdo indicava a ausência de oxigênio. Como o compartimento não era grande para toda a equipe, somente Luiz, Gemma e Karl entraram e passaram para o compartimento seguinte, uma espécie de guarda-roupa, onde os macacões eram pendurados para o sistema aspirar a poeira. Mas não havia macacões ali. Ficaram trancados por alguns instantes, aguardando a luz verde acender. Olhando novamente o scanner, o ar dentro do módulo era respirável. Sinal de que o jardim de oxigênio estava em atividade e que era mantido por alguém, afinal, as plantas teriam morrido há muito tempo sem CO2. Os três prosseguiram, guiados na escuridão apenas por suas lanternas. Atrás deles, o resto da equipe entrava três por vez na câmara.

Luiz e Karl chegaram ao módulo de comando após o pequeno corredor. Os con-

soles estavam destruídos por disparos e sinais de perfuração, como de martelos ou machados usados para exploração geológica. Nada ali parecia funcionar. Não era de estranhar que só ouvissem estática. Ambos removeram a proteção do capacete e conseguiram captar o ar frio do módulo. era um cheiro estranho, uma mistura de poeira, suor humano e…

_ Sentiu isso? – Karl puxou o ar.

_ Comida? - Luiz sabia que era comida.

_ Parece batata… - Gemma disse do corredor.

Eles continuaram com cuidado. No meio da escuridão, ouviram um suspiro vindo de outra porta à esquerda, que levava ao módulo dos dormitórios. Quando os capacetes iluminaram o local, todos se espantaram. Karl Horr não conseguiu conter o grito. Um rosto pálido, de olhos vermelhos muito assustados os encarou. Derrubando antigas caixas de suprimentos pelo chão para atrasá-los, a criatura correu deles, mais ágil por não usar macacão e entrou num ambiente iluminado, onde comida era preparada. Luiz e Karl pararam subitamente quando viram um senhor idoso e castigado pela idade erguer um martelo de maneira ameaçadora. Gemma ergueu as mãos em um ato pacífico para não assustá-los.

_ Ei, calma!

_ Desgraçados! Saiam daqui!

_ Calma! – Luiz ergueu as mãos pacificamente – Somos da Terra! Missão Amaterasu! Somos da Terra!

_ Terra! Que Terra?! A Terra acabou, seu maldito, desgraçado!

Karl olhou ao redor e viu a criatura que correra deles. Na verdade era um jovem com cerca de dezessete anos, agarrado a outras pessoas, acuadas na parede. Quatro deles eram adolescentes, na casa dos dezesseis aos dezoito anos. E duas senhoras tentavam ampará-los, visivelmente assustadas ou espantadas. Gemma olhava espantada para os jovens. Eram altos e muito magros, mais do que se esperaria de um humano normal. Mas não era apenas magreza por privação de comida e nutrição, era devido à gravidade de Marte. Gemma não podia acreditar.

_ Meu nome é Luiz Mantelli, sou piloto da Força Aérea Brasileira, engenheiro de propulsão, veja – ele apontou a bandeira brasileira, seu nome e posto embaixo - Calma, viemos da Terra, ela não foi destruída.

O senhor barbudo e grisalho apertava o cabo do martelo geológico e os olhava

ansioso, como se não soubesse em que acreditar. Os outros tripulantes se aproximaram com cautela ao ouvirem a movimentação e de repente um silêncio se estabeleceu. O senhor respirou fundo, com lágrimas nos olhos, ainda decidindo o que fazer. Largou o machado ruidosamente no chão, enquanto as mulheres no fundo também choravam, confortando os jovens.

_ Quem é você? – Gemma perguntou.

_ Raul… Raul Fillipo… – ele murmurou.

_ O médifo-chefe da equipe Infinity - Gemma murmurou.

Com os níveis de tensão baixando, eles puderam conversar. Raul os olhava ainda com certa desconfiança e precisou apertar o braço de Luiz quando o cumprimentou para ter certeza de que não estava vendo fantasmas. As três senhoras pareceram aliviadas por verem humanos de novo e abraçaram cada membro da equipe da Amaterasu. Mas os jovens estavam amuados num canto, sem nada dizer, olhando para cada rosto com dificuldade. Gemma ainda não conseguia tirar os olhos deles. Eram alienígenas de verdade, mesmo que tivessem pais humanos. Suas cabeças eram desproporcionais ao restante do corpo, os olhos maiores. Como aguentariam uma gravidade terrestre?, ela pensava.

Luiz e Gemma estavam sentados à mesa com o médico da Infinity, que chorava copiosamente. Os técnicos que vieram na Amaterasu começaram uma série de reparos nos módulos para tornar o ambiente mais agradável e restaurar comunicações.

_ O que aconteceu aqui, Raul? - ela perguntou suavemente.

_ Partenza e Andrada tomaram o lugar a força quando as transmissões com a Terra pararam. Recebíamos vez ou outra uma transmissão da Korolev indicando explosões e ogivas e relatórios de baixas. Os dois então enlouqueceram… Mataram Dourado e Oliveira, que tentaram se opor. McCoy se negou a dormir com eles e eles a mataram também. Os dois diziam que éramos a única esperança de manter a raça humana e forçaram as outras mulheres a terem os filhos deles - Raul observou as mulheres sentadas no chão junto dos jovens.

Analisando a fisionomia delas, era possível ver que os vinte anos em Marte tinham lhes custado muita coisa. A saúde, a juventude, a sanidade?

Gemma ouvia sem poder acreditar. Sete tripulantes da Amaterasu tinham voltado ao módulo para trazer suprimentos e descarregar novos módulos para a base, além de kits de manutenção. Apesar da situação, Fillipo tinha conseguido man-

ter o lugar funcionando com o restante da equipe. Não era um luxo, mas tinham ar, comida e água. Eram basicamente vegetarianos, já que o jardim de oxigênio fornecia tudo o que precisavam e ainda purificavam o ambiente.

_ O que aconteceu com a equipe do revezamento? - Luiz perguntou.

_ Assim que eles se aproximaram da entrada da caverna, Partenza e Andrada atiraram neles. Os civis não sabiam, mas tinha armas a bordo, pois eram ordens para o caso de motins. Mas acho que a gravidade baixa do planeta aliada com as notícias da Terra os deixaram paranóicos. Eu… tentei impedir – Fillipo chorava – Mas eles quebraram minhas pernas e não pude fazer muito por elas…

Raul mancava enquanto andava e estava muito desgastado pelas condições de penúria de Marte. Andrada e Partenza só o mantiveram vivo pois era médico, assim como Apostolakis. A revelação de que a Terra tinha passado por maus bocados, mas não tinha sido destruída era um alívio, mas não desfazia todo o mal feito àqueles tripulantes. O que seria dos jovens ali nascidos, bastardos e vítimas assim como suas mães, sem ajuda ou esperança por todos aqueles anos?

_ O que aconteceu com Partenza e Andrada?

Raul deu um riso amargo de lado e deixou as lágrimas rolarem. Parecia difícil pensar no que aconteceu no passado. Eles viram o esqueleto de Andrada na entrada.

_ Partenza tentou pegar a nave de emergência depois que nos levantamos contra os dois. Tomita conseguiu sabotar a roupa de Andrada, mas Partenza conseguiu sair... A nave caiu um pouco depois. Recebemos sinal do transponder por uns meses, até que... - ele deixou a frase no ar, já que não tinha necessidade de explicar o que, certamente, acontecera a Partenza.

Raul voltou àquele dia tenebroso. Apostolakis conseguiu dopar Andrada e Partenza por tempo suficiente para que Fillipo saísse do módulo. Usando os esquemas elétricos do manual, ele reverteu o painel elétrico e o preparou para sofrer uma pane no momento em que atingisse 700 metros de altitude. A nave de emergência não comportaria a todos e não podiam deixar as crianças para trás. O dia seguinte foi seguido de caos... Os dois acordaram de repente e espancaram as mulheres. As crianças gritavam... Raul voltou a tempo de presenciar a luta. Quando os dois algozes se viram sob a mira de armas, eles se vestiram nas câmaras e saíram para o ar marciano. Andrada pode dar alguns passos apenas. Raul deixou que saíssem. Saíram para a morte.

Luiz o olhava com atenção, como se pudesse ler seus pensamentos. Por que eles

não teriam usado a nave de emergência para fugir? Teria ele feito diferente ao ver pessoas inocentes sendo hostilizadas por dois alucinados armados, ameaçando crianças pequenas de colo? Nunca se pergunte o que você faria numa situação dessas... a resposta, normalmente, é o que for necessário para sobreviver.

Gemma e Luiz estavam de volta à Amaterasu e conversavam privadamente na cabine de comando depois de mandarem informações para o Comando de Brasília.

_ Esperava encontrar um módulo repleto de caveiras, mas não estava preparado para ver sobreviventes. - ele admitiu, jogado em sua cadeira, tomando suco natural de um saquinho.

_ O que vamos fazer?

_ Levar todos de volta, é claro.

_ E quanto aos adolescentes? - ela se espantou - Eles nasceram em Marte, nunca aguentariam o ambiente terrestre. E a gravidade? Vai destruir os corpos deles.

_ Prefere deixar a equipe toda aqui? Em órbita eles terão alguma ajuda médica. Aqui estamos longe de tudo.

_ Marte é tudo o que eles conhecem, Luiz.

_ E isso quase os matou. Gemma - ele se apoiou nos cotovelos - se essa Missão Infinity serve para nos mostrar alguma coisa é que o espaço não vai se entregar tão fácil para a vontade humana.

_ Se perdermos nossa humanidade, aí é que o espaço vai nos destruir mesmo.

A ordem não deixava margem para dúvidas. Trazer de volta sobreviventes num módulo adicional que viera com a missão Amaterasu. Ninguém esperava encontrá-los, mas não era correto desampará-los, muito menos deixá-los em Marte. A solução era alocá-los na Estação Espacial, onde a gravidade que simulava a mesma do planeta vermelho estava em operação, pois os tripulantes da Amaterasu foram lá treinados.

Assim que o médico fez os exames necessários nas próximas semanas e colocou todos os sobreviventes da Infinity em um regime nutricional para resistirem à votla para casa, os sobreviventes foram postos em estase e enviados para uma viagem de volta, sem sonhos, sem pesadelos, apenas uma hibernação artificial, enquanto deixavam os anos de penúria e miséria para trás.

Desta maneira inglória nasceu a primeira colônia humana de Marte e o relato vergonhoso de seu início foi ignorado pelos historiadores nos séculos seguintes.

Fim do arquivo da Missão Infinity.

MOMENTUMSAGA.COM

2015

NENHUM ALIEN OU SER HUMANO FOI FERIDO NA CONFECÇÃO DESTE EBOOK.

ALIEN SAFE!